



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

MAYRA ELLEN DE LIMA

INFLUÊNCIA DO ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA NA VISÃO DOS CORPOS
GORDOS: uma perspectiva autobiográfica

João Pessoa
2023

MAYRA ELLEN DE LIMA

**INFLUÊNCIA DO ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA NA VISÃO DOS CORPOS
GORDOS: uma perspectiva autobiográfica**

Trabalho Acadêmico de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Ciências Biológicas,
como requisito parcial à obtenção do grau de
Licenciado em Ciências Biológicas da
Universidade Federal da Paraíba.

Nome do(a) Orientador(a): Dr. Robson Guedes
da Silva

João Pessoa
2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L732i Lima, Mayra Ellen de.

Influência do ensino de Ciências e Biologia na visão dos corpos gordos : uma perspectiva autobiográfica / Mayra Ellen de Lima. - João Pessoa, 2023.

34 p. : il.

Orientação: Robson Guedes da Silva.

Coorientação: Diego Adaylano Monteiro Rodrigues.

TCC (Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas)
- UFPB/CCEN.

1. Autobiografia. 2. Obesidade. 3. Narrativas. I. Silva, Robson Guedes da. II. Rodrigues, Diego Adaylano Monteiro. III. Título.

UFPB/CCEN

CDU 57(043.2)

MAYRA ELLEN DE LIMA

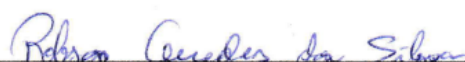
**INFLUÊNCIA DO ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA NA VISÃO DOS CORPOS
GORDOS: uma perspectiva autobiográfica**

Trabalho Acadêmico de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Ciências Biológicas,
como requisito parcial à obtenção do grau de
Licenciado em Ciências Biológicas da
Universidade Federal da Paraíba.

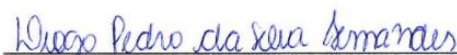
Data: 10/11/2023

Resultado: Aprovado

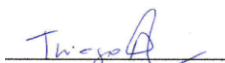
BANCA EXAMINADORA:



Robson Guedes da Silva, Dr. em Educação, UFPB – Orientador.



Diogo Pedro da Silva Fernandes, Me. em Educação, UFPE – Avaliador.



Thiago dos Santos Antunes da Silva, Me. em Educação, UFPE – Avaliador.

Rafaela Soares Celestino, Dr^a. em Educação, UFPE – Suplente.

Mitz Helena de Souza Santos, Me. em Educação, UFPE – Suplente.

Para a minha mãe, que sempre lutou pelo meu futuro, que acolheu todas as escolhas que fiz na vida e segurou minha mão nos momentos difíceis.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por todas as bênçãos que me proporcionou durante a minha vida, por confortar meu coração nos momentos difíceis.

Agradeço a minha mãe Gilmara Bernardo de Oliveira, por toda a sua dedicação em me proporcionar tudo que não pôde ter, por me mostrar a importância dos estudos e batalhar todos os dias para que eu pudesse alcançar meus objetivos. Obrigada por colocar a mim e ao meu irmão sempre em primeiro lugar mesmo que para isso tivesse que abdicar das suas vontades e conforto. Obrigada por ser a melhor mãe/pai desse mundo. Obrigada por acreditar em mim e me apoiar em cada escolha que fiz na vida, até mesmo nas erradas. Obrigada por ser a minha base, jamais teria alcançado essa vitória sem você, essa conquista é nossa.

Agradeço a minha avó Maria Teresa Dias de Oliveira, por todo o apoio ao longo da minha vida, por nunca ter me desamparado nos momentos difíceis. Ao meu irmão Cauã Arcanjo de Lima por ser a alegria da minha vida, mesmo com os altos e baixos eu jamais saberia viver sem você, e sinto tanto orgulho de você que nunca serei capaz de mensurar, você é o meu melhor jogador. A minha tia Elizabeth Maria de Lima, por acreditar tanto em mim, até mesmo nos momentos que desacreditei de mim mesma, você é, e sempre será a minha segunda mãe. Aos meus meninos Thor e Apolo, por serem os melhores gatos desse mundo, vocês acalmaram vários turbilhões dentro do meu coração.

Agradeço a todos que fizeram parte da minha trajetória acadêmica, em especial a Gabriel, Keuller, Eduarda, Márcia Morgana, Bárbara Morgana, Vinicius e Marcelo Moreira que me acompanharam todos os dias no percurso de Itabaiana a João Pessoa. Agradeço a Eva Aynara, por todo o apoio dentro e fora do ambiente acadêmico, por mesmo com opiniões diferentes sempre me proporcionar uma amizade pura e verdadeira. Agradeço a Crislaine Marcolino, Natalia Martins, Carolina Tarciara, Jandiellison Silva por todos os momentos de paz e caos que vocês me proporcionaram ao longo do curso, especialmente a Josinaldo Gomes, por ter segurado a minha mão nos momentos finais do curso. Agradeço a Tamires Aureliana, por todos os momentos, nossas conversas foram a inspiração para o tema desse trabalho.

Agradeço a Sthefanny Nogueira por toda a paciência com meus surtos e por me mostrar que se tivermos fé uma hora chegamos lá, por fazer parte de grandes momentos, por me abraçar em meios as lágrimas e ser o meu recanto de paz nos momentos difíceis, amo você!

Agradeço a Erika Dias Rodrigues por ser a minha estrela guia, por me lembrar constantemente que eu sou capaz, por me acolher nos momentos de surto e puxar minha orelha quando preciso, por trazer paz ao meu caos, por me guiar nos momentos de dúvidas, pelo apoio nos momentos difíceis, mesmo que isso significasse se sobrecarregar, obrigada simplesmente por existir na minha vida, amo você até a lua e voltando.

Agradeço aos meus alunos, por me mostrarem a magia de ser professora, em especial a Maria Letícia Eleuterio Vieira, por mais que eu diga que você é a raiz do meu estresse você é a raiz do meu orgulho e mal posso esperar para ver a grande mulher que você vai se tornar!

Agradeço ao Prof. Dr. Robson Guedes da Silva, por aceitar me orientar mesmo quando caí de paraquedas na sua vida, e por sempre acolher as minhas crises de ansiedade. Ao Prof. Dr. Diego Adaylano Monteiro Rodrigues, por ter sido o meu Norte na construção desse trabalho, por me ajudar a organizar minhas ideias caóticas, e por nunca ter soltado a minha mão. Ao Prof. Dr. Marcelo Moreno e a Prof^a. Dr^a. Maria das Graças, por fazerem eu me reapaixonar por esse curso. Agradeço a Prof^a Dr^a Conceição Mirando e a Prof^a Dr^a Quézia Furtado, pela oportunidade de integrar o PROLICEN e o PROBEX, esses projetos foram fundamentais para minha formação acadêmica e pessoal!

Agradeço a todos que passaram pela minha vida, pois, é graças a vocês que me tornei quem sou hoje!

RESUMO

O estudo a respeito do corpo humano encontra-se atrelado ao ensino de Ciências/Biologia. A partir de seus anos iniciais, os alunos aprendem conceitos, divisões e funções, desse modo a disciplina adquire poder na transmissão da imagem corporal, atribuindo-lhes critérios classificatórios, assim, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar como o ensino de Ciências e Biologia influenciam a visão dos corpos gordos em uma perspectiva autobiográfica; e como objetivos específicos, propõe identificar como os corpos gordos são abordados na construção do ensino de Ciências e Biologia e narrar vivências pessoais relacionadas com a temática corpórea. Para isso, foram adotados como pressupostos metodológicos a pesquisa qualitativa em sua expressão autobiográfica, fazendo o uso de documentos para corroborar com a concretização do trabalho. A partir disso, pôde-se perceber que a história dos corpos gordos é marcada por uma oscilação entre aceitação/exaltação, o preconceito e ridicularização, por muitas vezes influenciados por uma visão estética que busca corroboração nas ciências. A abordagem nos livros e materiais didáticos, apoio midiático, falta de preparo dos docentes para abordar o assunto ou mesmo para reparar os casos de bullying decorrentes dessa temática, dentre vários outros, são fatores que apoiam a visão negativa e preconceituosa sobre os corpos gordos, especialmente quando há um comparativo entre gordura corporal e discurso patológico. Dessa forma, cabe aos docentes auxiliarem na compreensão da pluralidade corporal, normalizando a variação em suas formas e pesos, contribuindo ativamente para criar um ambiente escolar inclusivo, no qual o respeito mútuo e a diferença sejam valorizados.

Palavras-chave: Autobiografia; Obesidade; Narrativas.

ABSTRACT

The study of the human body is linked to the teaching of Science/Biology. From their initial years onwards, students learn concepts, divisions and functions, in this way the discipline acquires power in transmitting body image, assigning them classificatory criteria, thus, the present work has the general objective of analyzing how the teaching of Science and Biology influences the view of fat bodies from an autobiographical perspective; and as specific objectives, it proposes identifying how fat bodies are approached in the construction of Science and Biology teaching and narrating personal experiences related to the corporeal theme. To this end, qualitative research in its autobiographical expression was adopted as methodological assumptions, using documents to corroborate the completion of the work. From this, it was clear that the history of fat bodies is marked by an oscillation between acceptance/exaltation, prejudice and ridicule, often influenced by an aesthetic vision that seeks corroboration in the sciences. The approach in books and teaching materials, media support, lack of preparation of teachers to address the subject or even to repair cases of bullying arising from this issue, among many others, are factors that support the negative and prejudiced view of fat bodies, especially when there is a comparison between body fat and pathological speech. Therefore, it is up to teachers to help understand body plurality, normalizing variation in shapes and weights, actively contributing to creating an inclusive school environment, in which mutual respect and difference are valued.

Keywords: Autobiography; Obesity; Narratives.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – Protagonista de um comercial dos anos 80 considerada “gordinha”..... 22
- Figura 2** – Momento de ridicularização dos corpos gordos no comercial da Staroup 22
- Figura 3** – Título: Representação de corpos humanos gordos em livros de Ciências e Biologia..... 24

SUMÁRIO

1 – ONDE TUDO COMEÇOU: LEMBRANÇAS DE UM CORPO GORDO	11
1.1 - PROBLEMATIZAÇÃO HISTÓRICA SOBRE CORPOS GORDOS	13
2 - PERCURSO METODOLÓGICO	15
3 – AMBIENTE ESCOLAR: ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO OU MEDO?	17
3.1 – CORPOS GORDOS NA VISÃO DA CIÊNCIAS E BIOLOGIA	19
3.2 – MUDANÇAS CORPORAIS - UMA EXPERIÊNCIA ANGUSTIANTE.....	24
3.3 – COMO PROFESSORES DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA PODEM AGIR PARA AMENIZAR O BULLYING SOBRE CORPOS GORDOS?	28
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS	30

1 – ONDE TUDO COMEÇOU: LEMBRANÇAS DE UM CORPO GORDO

As discussões sobre corpo e todas as questões que o cercam, na visão do docente de ciências e biologia, são fundamentais para traçar horizontes para aquilo que pensamos e queremos como parte integrante da sociedade. Compartilhar experiências e visões de mundo se tornam um instrumento na busca de prover um debate de ações e reflexões para os indivíduos com seus entendimentos pessoais (Lima, 2018), com isso, o intuito do presente trabalho pauta-se em compartilhar relatos a respeito da temática proposta, nos quais serão explicitadas histórias/contextos de personagens e objetos relevantes tanto para a prática pedagógica quanto para a construção metodológica.

Para isso, iniciarei a narrar os fatos nas vivências da minha infância, pois as recordações me vêm em mente e as vejo como alicerce de como me tornei o que sou/estou sendo. Nasci no dia 29 de outubro de 1998, na cidade de Itabaiana, localizada no interior paraibano, e vivi os dois primeiros anos na cidade de Salgado de São Félix - PB. Venho de uma família de origem humilde, meus pais me conceberam muito cedo e durante meus 2 primeiros anos todo o nosso sustento provinha do auxílio dos familiares. Apesar de jovem, minha mãe sempre valorizou os meus estudos e assim fui matriculada na primeira creche com cerca de 1 ano e meio de idade.

A permanência nessa creche não durou muito, pois no ano de 2000 meus pais se separaram e, junto a minha mãe, fui morar no Rio de Janeiro, dando início a uma série de entradas e saídas nas escolas do sistema público de ensino, ocasionadas por diversos fatores como mudanças e falta de turmas dos anos posteriores na instituição. Os anos referentes a pré-escola foram realizados em duas escolas na Barra da Tijuca e não tenho lembranças concretas desses momentos, porém lembro da dificuldade de me vincular aos alunos.

No ano de 2005 passei por uma brusca e importante mudança: minha mãe me permitiu passar um ano com os familiares do meu pai, na Paraíba, e esse foi um momento que ficou marcado na minha memória, pois foi o ano que passei a ganhar peso. Ser uma aluna nova e ter corpo gordo aos 7 anos se mostrou um grande obstáculo no ambiente escolar, pois sofri com o bullying constante por parte dos colegas, e tenho marcado em minha mente os insultos recebidos ao longo do tempo (todos voltado para o meu peso), e um insulto em especial me marcou profundamente ao ser chamada de “caminhão de lixo”. Esses momentos me doíam tanto que por muitas vezes ter de ir à escola era o meu pior pesadelo. No ano de 2006 retornei a viver

com minha mãe no Rio de Janeiro e, durante os próximos anos, seguiu-se uma repetição do bullying enfrentando em 2005.

Além disso, tive que lidar com a falta de suporte dos professores, que consideravam tudo como brincadeira de criança. Sendo assim, após refletir sobre as minhas vivências como pessoa gorda levanto os questionamentos: Ao longo dos séculos os corpos gordos sempre foram vistos de forma negativa? A escola exerce um papel neutro na transmissão do seu conhecimento? O discurso patológico vinculado à obesidade apresenta-se de forma verídica e imparcial? Como futura professora de Ciências e Biologia, as minhas experiências me garantem um novo olhar sobre a forma de ensinar?

Ao longo da minha história é perceptível a influência que o peso teve em minha vida, o modo que a cada quilo perdido eu me tornava mais aceitável perante a sociedade e a cada quilo ganho eu era julgada como a pessoa desleixada e irresponsável com a minha saúde, e agora, na reta final da minha graduação me questiono, o que eu, como professora de ciências e biologia posso fazer para contribuir para a quebra desse estereótipo de desleixo vinculado a obesidade. Como a biologia pode contribuir para acolher aquele discente que se vê vítima da chacota de outros alunos apenas por apresentar um peso diferente do tido como o certo?

Vale salientar que o nosso atual contexto socio-histórico pauta-se na ascensão do conservadorismo político e social o qual pode ter um impacto nas discussões sobre corpos no ensino de ciências e biologia de diversas maneiras. É importante notar que o impacto do conservadorismo pode variar amplamente dependendo do contexto político, cultural e educacional específico. Algumas das maneiras pelas quais o conservadorismo pode afetar a discussão mais ampla sobre os corpos no ensino de ciências e biologia incluem censura ou restrição de informações, uma vez que em ambientes conservadores pode haver pressões para censurar ou restringir informações relacionadas a questões sensíveis de gênero, sexualidade, reprodução, evolução e corpo. Isso pode limitar o acesso dos alunos a informações cientificamente precisas e fundamentais para uma compreensão completa desses tópicos (Rodrigo Borba; Maria Andrade; Sandra Selles, 2019).

Pode haver também a omissão de tópicos sensíveis, tendo em vista que o conservadorismo pode influenciar a decisão de omitir tópicos que são considerados controversos dentro do currículo de ciências e biologia, levando a uma educação deficiente e não representativa; e em alguns casos o conservadorismo político pode resultar em pressões para promover visões ideológicas particulares, muitas vezes em desacordo com a ciência

estabelecida, o que afeta a integridade e a objetividade do ensino de ciências e biologia (Borba; Andrade; Selles, 2019).

Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar como o ensino de Ciências e Biologia influenciam a visão dos corpos gordos em uma perspectiva autobiográfica. Como objetivos específicos, proponho identificar como os corpos gordos são abordados na construção do ensino de Ciências e Biologia e narrar as minhas vivências pessoais relacionadas com a temática corpórea.

Para o desenvolvimento da pesquisa, visando um melhor entendimento do leitor, a mesma foi dividida em tópicos e subtópicos, de modo a seguir uma linearidade na discussão. Primeiro, será abordado sobre a Problemática histórica sobre corpos gordos, para que seja explanado como esses corpos foram vistos ao decorrer dos séculos e fazer um comparativo com os anos atuais. Por conseguinte, o percurso metodológico, explicando como a pesquisa foi feita e, a posteriori, uma discussão sobre o ambiente escolar, com ênfase no ensino de Ciências e Biologia, abordando as minhas vivências em paralelo com os achados na literatura sobre a temática, e abordando também as mudanças corporais enfrentadas na adolescência e as ações que os docentes podem adotar para diminuir o bullying acerca dos corpos gordos.

1.1 - PROBLEMATIZAÇÃO HISTÓRICA SOBRE CORPOS GORDOS

A história da obesidade é longa e conturbada, pois, no século XVIII se iniciou, na Europa, um fenômeno sociocultural de inversão de valores atribuídos às características corporais quanto ao seu tamanho, aparência, peso e composição (Georges Vigarello, 2012; Cezar Santolin, 2012). Anteriormente, pessoas mais corpulentas eram vistas como belas, fortes, potentes, poderosas e ricas (desde que não houvesse prejuízo à locomoção), pois uma parte considerável da população não tinha acesso à uma alimentação farta, então pessoas gordas eram sinônimo de riqueza (Vigarello, 2012).

Entretanto, em meados do século XX se iniciou um discurso patológico, associando as características corporais a aspectos negativos e relacionados, muitas vezes, a condições de saúde (Cezar Santolin, Luiz Rigo; 2012). Entre os séculos XVIII e XIX, ingleses e franceses trouxeram para o Brasil tanto a desvalia em relação à gordura corporal, a qual era valorizada demasiadamente no país, com a ideia de que o excesso da substância no corpo significa uma doença, sendo adotado o adjetivo “obeso”, derivado de obesidade, para empregar nas pessoas (Santolin, 2012).

Nesse tocante, o histórico sobre a obesidade (mas ainda sem a denominação do adjetivo) comumente nos remete à Antiguidade, principalmente com pensadores gregos e romanos. Exemplo disso foi a afirmação de que os gregos foram os primeiros a constatar os “perigos da ‘obesidade’ e sua associação com a doença” (David Haslam, 2007, p. 32), ao passo que Giuseppe Repetto (1998, p. 4) afirmou que “no mundo romano, a obesidade era vista como uma doença social e moral capaz de derrubar tiranos e aviltar até os patrícios mais ricos. O gordo era considerado, de modo geral, uma pessoa de má índole ou boba”.

Entretanto, saliento que é impreciso assemelhar o discurso da obesidade atual (pós século XX) ao dos antigos. Existem muitas diferenças entre esses períodos, especialmente no que tange o olhar sobre o corpo, ou seja, apontando aspectos biológicos, uma vez que a medicina passou a se implementar de forma mais eficiente somente nos séculos XVII-XVIII (Santolin, 2012). As quantificações desse corpo biológico, próprias ao discurso da obesidade, passaram a ser praticadas ao longo do século XVII, a partir dos trabalhos de Martin Santorio (1614), que utilizou a medida de massa corporal.

De acordo com Santarin (2012), ao longo dos séculos I-II se desenvolveu uma crescente inquietação com o corpo, fazendo emergir uma problematização relacionada ao tamanho ou formato corporal, entretanto, essa problematização não era equivalente à questão da obesidade e da gordura corporal excessiva, pois se articulava, principalmente, a padrões estéticos e/ou morais, o que não impediu que a medicina filosófica / filosofia médica tenha se apropriado dessa condenação estética e tenha inserido ela dentro de uma trama fisiológica.

Como citado anteriormente, desde a Antiguidade, a preocupação com a forma, aparência ou estética foram desvalorizadas, principalmente após o cristianismo. Com isso, historicamente, à medida que a legitimidade da Igreja Católica diminuiu, após a Reforma Protestante, a medicina foi incitada a produzir discursos, ainda sem fundamentação científica, para substituir tanto o papel da Igreja na condenação moral que a sociedade mantinha em relação ao pecado da gula (nessa época, o excesso de gordura corporal foi associado ao comer de forma demasiada), advindo dos 7 pecados estabelecidos pela Igreja Católica, quanto da condenação estética, após o renascimento da estética antiga.

Antes de se tornar objeto de um discurso médico, o corpo foi tomado como atributo estético por artistas renascentistas, como Da Vinci, Shakespeare, Michelângelo, entre outros. Em meados do século XVIII encontra-se o registro mais antigo da enunciação de que o excesso

de gordura corporal é uma doença. Devido a isso, podemos denominar que o período que vai de meados do século XVIII até o final do XIX de “nascimento da obesidade” (Santarin, 2012).

De acordo com Vigarello (2012), a partir da segunda metade do século XX as silhuetas afinaram (principalmente das mulheres) e os tratamentos de obesidade se multiplicaram, uma vez que o aumento do lazer, a revolução dos conhecimentos médicos e os novos cuidados com o corpo contribuíram para isso. Excepcionalmente na década de 1920 houve uma mudança totalmente decisiva, a qual não resultou do saber, mas dos costumes: a transformação da condição feminina dá início a uma nova magreza, realçando que é ágil e esbelto, ao passo que crescem os desejos de controle e de reafirmação de si. Nessa perspectiva, a aparência atlética é, pela primeira vez, considerada a da normalidade.

Assim, dos anos de 1920 ao universo das observações contemporâneas, o corpo gordo torna-se uma ameaça estética e vital desde os estágios mais precoces e quase imperceptíveis, havendo, conseqüentemente, o aumento das propostas terapêuticas. A balança começa a se tornar evidente, sendo “guia” para aqueles que desejam reduzir o peso de maneira científica, dando a cada indivíduo a sensação de poder utilizá-la, bastando ela para dar início a um novo passo: o trajeto de busca pelo padrão de corpo magro (Vigarello, 2012). Essa visão permanece até os dias atuais.

2 - PERCURSO METODOLÓGICO

A partir do presente trabalho, tenho o intuito de identificar os desafios, contribuições, estratégias e conexões intrínsecos à minha trajetória de vida. Para isso, será usada a subjetividade da pesquisa qualitativa para abordar o tema proposto, a qual Maria Minayo (2012) a caracteriza como a base da ciência, tornando-a um artefato para a indagação e construção da realidade, sem conhecimento prévio de quais serão os resultados finais. Além disso, a autora defende que este tipo de pesquisa revela mais das construções humanas, se traduzindo através das relações, representações e intencionalidades.

Para Paulo Rosa (2011), a pesquisa qualitativa explica, de forma minuciosa, as causas possíveis de um evento observado e as relações que o determinam, sem haver manipulação das variáveis. Nesse tocante, este tipo de pesquisa apresenta, de forma geral, cinco características, sendo elas: representar a opinião das pessoas diante de um estudo; abranger o contexto sociocultural e econômico que as pessoas vivem; estudar o significado das condições de vida

dos indivíduos; fazer uso de muitas fontes de evidência; e contribuir com a disseminação de conceitos que ajudem a explicar o comportamento social humano (Robert Yin, 2016).

Tendo em vista que a pesquisa possui um caráter descritivo e, por vezes, atemporal, a autobiografia será usada como pilar estruturante do trabalho, de modo a permitir exposições assimiladas ao longo do tempo por mim, por meio de experiências, observações e vivências pessoais. De acordo com Belmira Bueno (2002), através da autobiografia podemos ter acesso a um nível maior de subjetividade, corroborando com a construção de conhecimento científico e do sistema social, uma vez que o processo de construção de ideias se dá através de uma exposição de vivências percorridas pelo objeto/autor.

As pesquisas autobiográficas são uma forma de pesquisa em que o sujeito se desvela para si e se revela para os outros, como uma história cheia de significado (Maria Abrahão, 2004). A decisão de falar de si como a possibilidade de explicitar aquilo que não é visto, o que não se mostra a não ser por este movimento autobiográfico é caracterizado como hermenêutica prática (Christine Delory-Momberger, 2008) para dar sentido à vida, a si mesmo e à própria escrita.

Ademais, para cumprir com os objetivos propostos, foram analisados documentos que permitissem a concretização da pesquisa. Os documentos, de acordo com Antonio Gil, (2002) podem ser divididos em fonte primária, a qual corresponde aos materiais que ainda não passaram por procedimentos analíticos, à exemplo, de arquivos de órgãos públicos e instituições privadas; e a secundária, que diz respeito aos materiais que já passaram por algum tipo de análise, como os artigos publicados em periódicos. Ambos os tipos foram usados no presente trabalho, e dentre as fontes primárias utilizadas, documentos foram selecionados a partir da relação com a minha história pessoal.

De forma geral, para a realização da presente pesquisa autobiográfica, busquei em minhas lembranças as vivências acerca do tema que contribuíssem com a pesquisa. Elenquei-as em ordem cronológica e/ou coesiva com os tópicos criados, de modo que elas pudessem ser corroboradas ou complementadas com narrativas presentes na literatura explorada, e alguns aspectos teóricos desenvolvidos pelos autores citados ao longo do texto, de modo a criar uma discussão coerente para cumprir com os objetivos estabelecidos.

3 – AMBIENTE ESCOLAR: ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO OU MEDO?

A educação formal caracteriza-se como um componente constitutivo e constituinte das mais diversas relações sociais (Luiz Dourado; João Oliveira, 2009), a qual emerge, de acordo com Lílian Viegas e Alda Osório (2007) em discursos políticos como forma de mobilização no que se refere às transformações sociais, fazendo com que mudanças no contexto escolar sejam necessárias.

Em uma concepção idealizada, a escola é um ambiente crucial para que os alunos aprendam comportamentos significativos para viverem em sociedade e onde se tem acesso aos conhecimentos construídos pela humanidade, entretanto, o que se costuma observar é que a escola também pode ser um local em que se transmite muitos estereótipos e preconceitos (Manoel Souza Neto; Rosemary Almeida; Márcio Pessoa, 2015).

O conteúdo presente em livros didáticos e nos demais materiais pedagógicos, por exemplo, não é neutro e pode estar carregado de estigmas sociais preconceituosos e excludentes, os quais podem marcar de forma profunda o processo de formação e construção escolar, além das perspectivas de vida de certos grupos de pessoas que são alvos destas opressões, fazendo gerar quadros de sofrimento, angústia e evasão escolar (Fabíola Moreira; Marilda Shuvartz, 2016). Além disso, a própria vivência, atrelada à falta de preparo dos profissionais presentes no ambiente escolar para lidar com determinadas situações, podem agravar este fator.

De acordo com Magalhães e Ruiz (2011), os traumas advindos das práticas e contextos discriminatórios vivenciados na escola são difíceis de serem superados, uma vez que as pessoas, ao completarem seus ciclos escolares, aprenderam e interiorizaram imagens negativas sobre si mesmas. Dessa forma, supõe-se que nenhuma escola objetiva ensinar essas imagens, e desconstruir as estruturas estabelecidas socialmente sobre estes temas e esperar pelo melhor não tem se mostrado uma boa estratégia.

Ao longo do meu desenvolvimento escolar vi por diversas vezes a obesidade ser retratada como algo terrível e monstruoso, sempre vinculada ao desleixo, quando focamos numa visão de que apenas com alimentação saudável e exercícios podemos controlá-la. Entretanto, esquecemos de um fator crucial vinculado ao excesso de peso, o fator emocional, tanto na perspectiva de alguns transtornos psicológicos contribuírem com o aumento de peso quanto do aumento de peso poder contribuir com o surgimento de transtornos psicológicos.

De forma geral, Constanza Castillo (2014) aponta que corpos gordos são sempre muito expostos ao desacato, à piada e aos julgamentos; estão excluídos de poder mostrar-se belos, saudáveis e amados, uma vez que isso não é o que se espera deles. Por onde passam, a sociedade se vê no direito de acreditar que eles precisam mudar e se adequar à norma da magreza, não precisam ser ouvidos e nem considerados até que se adequem aos padrões preconizados pela sociedade.

A história do gordo é, antes de mais nada, a história de uma depreciação acusatória e de suas transformações, com suas vertentes culturais e ramificações socialmente marcadas. É também a das dificuldades particulares sentidas pelo próprio obeso: uma infelicidade que o refinamento das normas e a atenção crescente dada aos sofrimentos psicológicos sem dúvida acentuam. É, por fim, a de um corpo passando por modificações que a sociedade rejeita sem que a vontade possa sempre alterá-las (Vigarello, 2012, p. 15).

Castillo conta ainda que até os dez/onze anos não recebia elogios dos docentes e vivia invisível no ambiente da sala de aula, apesar de ter o melhor desempenho da classe, enquanto as colegas magras sempre eram parabenizadas. Na adolescência, entrou para a aula de teatro da escola, mas só permitiam que ela atuasse em papéis coadjuvantes, pois apenas as “magras e bonitas” protagonizavam as peças. Isso mudou no dia em que a história seria sobre uma baleia que queria emagrecer. Nenhum aluno havia se oferecido para o papel principal, até que ela timidamente se ofereceu, podendo pela primeira vez estar no centro do palco, enquanto os colegas, vestidos de peixe, cantavam: “ela quer emagrecer, ela quer emagrecer, ela quer ser igual uma sereia, que diga todo o mar que linda e que magra é a baleia”.

A partir desta declaração, podemos ver nitidamente a gordofobia nesta experiência. É explícito que ninguém quer ser a gordo(a), porque, ser isso é o pior que pode te acontecer, principalmente sendo adolescente e vivenciando uma importante etapa de criação de uma identidade. Lendo este relato pude associar a vivência de Castillo com a minha, pois durante o 7º ano passei por dois eventos relacionados a produção artística. O primeiro consistiu na criação de grupos para a produção de uma minipeça teatral, na qual cada grupo precisaria desenvolver a releitura de algum conto de fadas, e o meu grupo ficou responsável pela produção da história da Cinderela.

Após muita conversa entre os membros do grupo que ficaram responsáveis pelas tomadas de decisões referentes à produção, ficou determinado que eu seria a protagonista, e eu gostaria tanto de me destacar nesse ponto que apenas assumi esse papel, pois minhas colegas tinham muita vergonha de contracenar com um menino. Mesmo sabendo que não fui a primeira

escolha, fiquei muito alegre em viver meu momento como Cinderela, e pela primeira vez na vida eu teria direito a um papel de destaque.

Contudo, o sonho virou um pesadelo. A apresentação deveria ser realizada nas outras turmas e, ao longo das apresentações, foi se tornando visível como minhas colegas que se encaixavam no padrão de magreza eram bem recebidas e aplaudidas, ao passo que o momento em que eu entrava em cena era motivo para risadinhas de todos os presentes. Infelizmente esse momento foi mais um marco traumático que me afetou profundamente, sendo refletido diretamente na minha participação futuramente em projetos escolares.

No mesmo ano, a escola desenvolveu um projeto denominado de “Cineclubes”, no qual os alunos iriam receber aulas para a produção de filmes e vídeos. Lembro de ficar encantada com a proposta de produzir um filme, porém, só de imaginar ter que virar chacota novamente, sentia calafrios, assim me obriguei a ir para a opção “segura”. Passei a estar por trás das câmeras, me tornei a produtora e cinegrafista daqueles vídeos, nos quais minhas colegas estrelavam e recebiam aplausos.

3.1 – CORPOS GORDOS NA VISÃO DA CIÊNCIAS E BIOLOGIA

O corpo humano tem muitas formas, cores, histórias e, de uma maneira ou de outra, são todos diferentes, pois mesmo gêmeos monozigóticos não são tão idênticos quanto parecem (Shannon Amoils, 2005). Nessa perspectiva, o representante do corpo como modelo humano em um material de ensino, à exemplo do livro didático de Ciências e Biologia é uma escolha feita entre uma infinidade de possibilidades e essa seleção não é aleatória e nem neutra.

O corpo humano faz-se presente nas aulas de ciências e biologia como um objeto de estudo desde os anos iniciais do Ensino Fundamental, no qual aprendemos a sua divisão em cabeça, tronco e membros; e ao avançar na escolarização a compreensão acerca do corpo se torna mais complexa, pois começamos a estudar os sistemas (respiratório, nervoso, cardiovascular), com seus aspectos morfofisiológicos. Ao passar dos anos, no Ensino Médio, passamos a lidar com um corpo humano universal, muito mais complexo, com níveis de organização, composição, níveis macro e microscópicos e uma diversidade de funções (Luzia Trivelato, 2005).

O ensino sobre o corpo humano é explanado, por vezes, de forma a contribuir com o desenvolvimento de competências e habilidades, além de estimular a interação entre os alunos

(Erika Rodrigues; Cynthia Melo, 2021). Entretanto, grande parte das vezes os professores passam a ser apenas reprodutores de conteúdos, visando apenas em avaliar os alunos, fazendo isso de forma predominantemente escrita para verificarem a sua capacidade de memorização, deixando de cumprir sua função docente de mediar a construção de conhecimento e de abordar assuntos interdisciplinares ou sociais (Erika Rodrigues, 2021).

De acordo com análise feita por Milena Silva (2017), a medicina, com respaldo nos conhecimentos biológicos acerca do corpo humano e sua funcionalidade, é a idealizadora principal das mensagens negativas acerca dos corpos gordos, declarando que a ausência ou baixa quantidade de gordura corporal é sinal de um estilo de vida saudável e duradouro. Os padrões estéticos se beneficiam dessas premissas para promover um padrão de beleza e corpo ideal, sendo a mídia a principal condutora desta preconização.

De acordo com Aarons (2017), em meios midiáticos existe a estratégia de associar o sobrepeso aos maus hábitos alimentares, à uma dieta repleta de comidas industrializadas e provenientes de grandes redes de fast food e à carência de exercícios físicos. Nelas, os protagonistas geralmente passam por dietas pobres em vegetais e outros nutrientes essenciais para uma alimentação balanceada e com a prática de exercícios físicos regulares (ou o inverso).

Ao suprir as necessidades nutricionais básicas de um corpo que recebe uma oferta debilitada de micronutrientes importantes para a manutenção de funções metabólicas, imunidade, síntese de vitaminas e outros; fibras e um excesso de substâncias com função de estoque e queima para a produção de energia, como carboidratos e lipídios, uma melhora de qualidade de vida seria realmente o esperado. O que fica invisibilizado nessas produções é a mensagem de que ter uma dieta pobre em nutrientes e uma vida sedentária não é uma regra geral entre indivíduos gordos (Aarons, 2017).

Dessa forma, em paralelo ao que nos é apresentado no desenvolvimento escolar, a visão midiática trata os corpos magros como símbolo da perfeição, reforçando o estereótipo que corpos gordos são indesejáveis. Nos anos 80 o padrão de magreza era amplamente difundido pela mídia, campanhas gordofóbicas era tidas como comuns. Lembro-me de um comercial televisivo que, apesar de não ser da minha época, minha mãe sempre me mostrava porque era da época dela, e ela relatava com frequência o quanto se sentia mal vendo tal propaganda.

O comercial trata-se de uma campanha realizada pela marca de jeans Staroup (aqui trarei alguns *printscreens* de partes da propaganda), e nessa campanha uma jovem, visivelmente magra (Figura 1) era chamada de gordinha, após esse momento ela se dirigia a uma loja de roupas,

experimentava um jeans tamanho 38 e mesmo não servindo ela o levava, entrando em uma jornada para o emagrecimento até atingir o objetivo. O comercial encerrava com uma amiga da protagonista, acima do peso fazendo exercícios enquanto passava um efeito sonoro, cujo intuito era ridicularizar a situação (Figura 2).

Outro argumento divulgado na mídia e difundido no senso comum, por vezes refutado cientificamente, é a ligação direta do sobrepeso a uma ampla variedade de complicações de saúde, à exemplo da hipertensão arterial, doenças cardiovasculares, dislipidemia, resistência à insulina e diabetes, além de ser colocada como um problema de saúde pública mundial (Azevedo; Minicucci; Zornoff, 2015).

Figura 1. *Printscreen* de tela. Protagonista de um comercial dos anos 80 considerada “gordinha”.



Fonte: https://youtu.be/1AZ3g16NG0o?si=IQseN_no-osXHPj

Figura 2. *Printscreen* de tela. Momento de ridicularização dos corpos gordos no comercial da Staroup.



Fonte: https://youtu.be/1AZ3g16NG0o?si=IQseN_no-osXHPHj

Há anos que informações com esse cunho vem sendo cada vez mais divulgadas pelos meios de comunicação e de divulgação científica e, embora haja um esforço de continuar utilizando-as em campanhas de conscientização, elas já não são novidade quando se discute descobertas sobre a saúde no que se refere às patologias citadas. Achados mais recentes têm trazido novas perspectivas, mostrando dados relacionados à genética, epigenética e atestando que nem todos os aspectos da associação da obesidade às doenças está esclarecido (Azevedo; Minicucci; Zornoff, 2015).

Estes aspectos são corroborados por Agnes Arruda (2022) ao afirmar que, além da gordofobia ser negligenciada nas escolas, o ambiente escolar pode, por vezes, incentivá-la através da associação da gordura corpórea com a má alimentação e o sedentarismo. Quando reflito sobre as minhas vivências escolares sobre a temática, principalmente nas aulas de Ciências e Biologia, recordo que os professores poucas vezes abordaram corpos gordos de forma humanizada, associando o sobrepeso e/ou obesidade à problemas psicológicos, disfunção hormonal, epigenética e afins; em grande parte, tratavam apenas como pessoas que apresentavam acúmulo de gordura corporal devido à, principalmente, má alimentação e sedentarismo.

Além disso, grande parte das vezes em que o assunto era explanado se dava nas aulas de bioquímica, havendo a abordagem majoritária de questões referentes ao que é gordura, quais os seus tipos (classificações), estrutura e função; e quando a obesidade era retratada, falava-se apenas sobre seus malefícios para a qualidade de vida das pessoas, sem enfatizar nos estigmas, preconceitos, bullying, potenciais causadores dessa condição ou qualquer outro ponto que pudesse confortar os alunos gordos presentes na sala de aula.

Outro ponto de destaque que escolho abordar no presente estudo é o material didático e estrutura da escola para acolher alunos gordos. Recordo-me que em todos os livros de Ciências e Biologia adotados pelas escolas nas quais estudei não usavam corpos gordos em ilustrações para nenhum conteúdo, sejam eles envolvendo a temática de corpo humano ou não. Sempre que havia a figura de algum ser humano, seja adulto, criança ou idoso, ela era representada por uma imagem de pessoa magra. Este foi um dos fatores que fez eu me sentir não representada até no campo educacional, o qual deveria ser um ambiente de acolhimento e ensinamento.

O trabalho realizado por Gabriel Lima (2018), com o objetivo de contribuir com o conhecimento acerca das representações dos corpos humanos apresentadas em livros didáticos de Ciências e Biologia constatou que em 2016 a representação de corpos humanos magros teve 90,65% mais ilustrações que a subcategoria corpos humanos gordos. Além disso, os temas sobre alimentação / distúrbios alimentares se fizeram presentes em apenas duas das representações contabilizadas (FIGURA 3), sendo uma delas encontrada em uma ilustração: reflexo em um espelho, representando a anorexia pela imagem de uma mulher magra e outra com sobrepeso; e a outra apresentando um médico (magro) com uma fita métrica no abdômen de um adulto gordo, o qual só aparecia do pescoço para baixo, sem a face visível.

Figura 3. Representação de corpos humanos gordos em livros de Ciências e Biologia.



Fonte: CANTO, 2012, p. 147 e 245; CARVALHO e GUIMARÃES, 2011, p. 94 Apud Lima, 2018.

A partir destes aspectos, atrelados às minhas vivências, constato que em momento nenhum os corpos gordos foram acolhidos nas aulas de ciências e biologia. Não me refiro em naturalizar a obesidade ou mesmo declarar que essa condição não possa atuar como um agravante para determinadas patologias, mas sim que a falta de um discurso que mostre que essas patologias possam não ser causadas diretamente pela obesidade; além de que corpos gordos não são representados em materiais didáticos a menos que haja a imagem atrelada a coisas negativas. Percebe-se nas aulas uma falta de elucidação a respeito da real ligação da obesidade com os fatores patológicos, suprime-se o fato que essas patologias cometem pessoas

consideradas dentro do peso ideal, e omite-se que pessoas magras podem ter diabetes, colesterol alto, pressão alta e tantas outras patologias comumente associadas ao corpo gordo.

Tendo isso em mente mostra-se necessário a participação do professor de Ciências e Biologia para elucidar a relação entre a obesidade e as patologias consideradas consequência da mesma. Além disso, cabe ao professor auxiliar na desmitificação que a obesidade é sinônimo de desleixo, se faz necessário trazer para a sala de aula as pesquisas que comprovam a existência de fatores psicológicos, colocar em pauta a compulsão alimentar e como a pressão social possui vínculo direto com essa condição.

Durante toda a minha vida tive que lidar com os comentários alheios a respeito da minha aparência, recebendo diversas críticas sobre o meu desleixo e como eu tinha que “fechar a boca” para perder peso, pois, eu era “tão bonita de rosto, uma pena que é gorda”. Sem perceber, acabei entrando em um ciclo vicioso, era atacada por comentários sobre minha aparência, recebendo “conselhos” sobre como eu deveria ser magra para ser bonita. Me sentia triste e buscava conforto na sensação de prazer que a comida me trazia, mas no final, ao perceber que tinha exagerado na alimentação novamente, voltava a me sentir péssima, seguindo esse ciclo sem fim. Luto para sair desse ciclo até os dias atuais, e ao refletir sobre as minhas vivências percebo o quão significativo seria se eu tivesse conhecimento desses fatores psicológicos alguns anos atrás.

3.2 – MUDANÇAS CORPORAIS - UMA EXPERIÊNCIA ANGUSTIANTE

A partir do 7º ano veio um novo marco para minha vida, que foram as mudanças corporais. O início da puberdade foi, de certa forma, traumatizante, pois nessa fase passamos a nos redescobrir. A disciplina de ciências passa a nos apresentar a puberdade e as mudanças vividas, porém como se sentir acolhida quando o seu corpo não se encontra em nenhuma das representações? Como lidar com o desenvolvimento inicial do aspecto sexual quando nem a escola nos mostra como uma possibilidade?

De acordo com Jéssica Cupian-Silva *et al* (2018), durante a adolescência, principalmente no período de maturação sexual, há uma variação expressiva na composição da massa corporal dos indivíduos. Nesse tocante, adolescentes com puberdade precoce, por exemplo, tendem a apresentar um aumento na espessura das dobras cutâneas e da massa

corporal, além de que a obesidade ou o excesso de massa corporal associam-se à maturação sexual precoce.

Pensando sobre esse assunto, recordo-me da minha primeira aula a respeito dessas mudanças corporais, na qual nos foi transmitido sobre as mudanças que nossos corpos sofreriam e, em seguida, nos foram apresentadas diversas ilustrações a respeito dessas mudanças. A primeira coisa que pude perceber nessa aula é que meu corpo não era representado naquelas imagens. Confesso que me senti “errada” por não me encaixar no padrão saudável e me culpei pela minha inaptidão em ser saudável.

Com o passar do tempo fui vivenciando essas mudanças e em conjunto a elas, em meados de 2013, fui desenvolvendo meu interesse/maturação sexual, mas junto a esse interesse, experienciei a rejeição. Esses momentos foram os piores de minha adolescência. A culpa que desenvolvi por ser tão relapsa com o meu corpo era enorme, essa visão era cada vez mais reforçada pelo conhecimento obtido na sala de aula ao ouvir todos os malefícios do sobrepeso e obesidade, enquanto a mídia reforçava a beleza dos corpos magros. Reconheço que a cada dia presenciemos a valorização da diversidade de corpos nas mídias sociais, porém percebe-se que esse avanço é mínimo em comparação aos preconceitos enraizados e corroborados por uma visão científica.

As memórias negativas não são apenas das minhas vivências, essas lembranças estão atreladas aos dilemas enfrentados pelos meus colegas da adolescência. Com o desenvolvimento sexual o corpo passa a ganhar um novo significado, a partir desse momento a atratividade entra em pauta e, conseqüentemente, os corpos padrões destacam-se em comparação aos corpos gordos e não saudáveis. Por volta do 1º ano do Ensino Médio tive um colega acima do peso, o rapaz era constantemente ridicularizado pelo volume no tecido mamário gerado pelo acúmulo de gordura e, em consequência disso, ele passou a evitar contato com as meninas por vergonha do seu corpo. Eu também passei por algo similar, me vi por muitas vezes retraída no convívio com outras pessoas por medo do julgamento delas sobre meu corpo, os registros fotográficos dessa época são escassos, não conseguia ver beleza em um corpo gordo. O processo de aceitação do meu corpo e a beleza que ele possui foi longo e cansativo, por muitas vezes deixei o preconceito alheio cravar o sentimento de desvalorização na minha mente.

Assim percebo a necessidade de levar para a sala de aula a representatividade, pluralidade, luta por um ambiente seguro e confortável, luta contra a descriminalização, e luta pela contínua melhoria do ensino. A puberdade e a adolescência são o período mais conturbado

na formação do ser social, um momento repleto de dúvidas e insegurança que clama por acolhimento. De acordo com Marina Fondello e Sandra Scivoletto (2018), nesse período o cérebro muda significativamente e, junto com ele, muda-se o jeito de pensar, sentir e agir daqueles indivíduos que até então eram crianças dependentes dos pais. As reações emocionais começam a se intensificar e mudanças no humor, de forma imprevista e repentina, tornam-se frequentes.

Com isso, como professora de Ciências e Biologia vejo-me como alguém capaz de mostrar aos meus alunos que todos os corpos diferem e é essa diferença que nos torna tão belos.

Vale salientar que “diversidade” e “diferença”, apesar de serem conceitos relacionados, frequentemente usados em contextos sociais, culturais e políticos para descrever as variadas características da humanidade, têm significados ligeiramente diferentes. A diversidade refere-se à presença de uma ampla variedade de elementos ou características diferentes em um determinado grupo, ambiente ou contexto, podendo se referir à diversidade étnica, cultural, de gênero, idade, orientação sexual, religião, habilidades, etc., sendo valorizada por muitas sociedades e organizações como um princípio que enriquece a vida e promove a equidade e a inclusão (Miskolci, 2015).

A diferença, por sua vez, se concentra nas características distintas que tornam as pessoas únicas ou grupos únicos. Pode se referir a diferenças individuais ou grupais, como personalidade, experiências de vida, talentos, habilidades, opiniões, entre outros. A ênfase na diferença pode ser usada para reconhecer a singularidade das pessoas e para valorizar a contribuição que cada indivíduo traz para um grupo ou sociedade (Miskolci, 2015).

Entretanto, ressalto a importância de não enxergar a diferença como um conceito independente, pois, a mesma possui estreita relação com o conceito de identidade. É a partir do conhecimento do que somos como sujeito social que passamos a identificar aquilo que não somos. Além disso, deve-se compreender que ambos os conceitos são construídos através das interações sociais, não nascemos com a nossa identidade pronta, mas sim construímos ela através de nossas vivências.

Quando digo "sou brasileiro" parece que estou fazendo referência a uma identidade que se esgota em si mesma. "Sou brasileiro" - ponto. Entretanto, eu só preciso fazer essa afirmação porque existem outros seres humanos que não são brasileiros (Silva, 2014, p. 75).

Fui introduzida ao conceito de identidade durante o curso de Ciências Biológicas, durante uma aula de Libras. Ao longo dessas aulas a professora nos apresentou ao conceito de identidade dominante.

A identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza classificações. As classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade. Isto é, as classes nas quais o mundo social é dividido não são simples agrupamentos simétricos. Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar. Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados. A mais importante forma de classificação é aquela que se estrutura em torno de oposições binárias, isto é, em torno de duas classes polarizadas (Silva, 2014, p. 82).

Essa hierarquização permite que a identidade dominante, imponha seu poder sobre as outras identidades, estabelecendo-se como normativa o modelo que deve ser seguido, e qualquer outra identidade que não acompanhe seus requisitos consequentemente é taxada como inapta. Além disso,

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger - arbitrariamente - uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é "natural", desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade. Paradoxalmente, são as outras identidades que são marca das como tais. Numa sociedade em que impera a supremacia branca, por exemplo, "ser branco" não é considerado uma identidade étnica ou racial (Silva, 2014, p. 83).

Essa percepção me proporcionou a compreensão que os corpos gordos são vítimas das imposições dos corpos magros, e não seguir essa normativa não nos torna piores que aqueles cujos corpos padronizados agradam a demanda social. Somos apenas diferentes e essa diferença não nos impede de sermos belos e perfeitos.

3.3 – COMO PROFESSORES DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA PODEM AGIR PARA AMENIZAR O BULLYING SOBRE CORPOS GORDOS?

O bullying é uma questão séria e persistente nas escolas, afetando a saúde mental e emocional de estudantes em todo o mundo. Embora ele possa se manifestar de várias maneiras, o bullying relacionado ao peso, especialmente o direcionado a corpos gordos, é uma forma preocupante de discriminação que muitas vezes passa despercebida, com isso, professores de ciências e biologia desempenham um papel crucial na promoção da inclusão e na mitigação do bullying relacionado ao peso.

Após revisitar todas as minhas memórias percebo o papel de destaque da escola na propagação de ideias. Assim, uma das primeiras medidas que os docentes de ciências e biologia podem tomar é promover a sensibilização e a educação sobre a diversidade de corpos e a importância de respeitar as diferenças. Isso pode ser feito incorporando discussões sobre diversidade corporal no currículo, abordando tópicos relacionados à imagem corporal nas aulas e usando materiais didáticos que representem uma variedade de tipos de corpos.

Além disso é relevante considerar a produção de autores gordos, instigando o aluno a debater a relevância dessas produções. Nesse contexto produções narrativas permitem aos alunos compararem o modo como o corpo gordo é retratado pelo ensino normativo e como de fato ele é experienciado por uma pessoa gorda. Utilizando dessas narrativas, ao abordar a diversidade de corpos em contextos de educação científica, os professores podem ajudar os alunos a compreenderem que os corpos vêm em todas as formas e tamanhos, e isso é perfeitamente normal.

Os professores também podem criar um ambiente de sala de aula que promova a empatia e a compreensão entre os alunos. Atividades desse cunho, como debates sobre questões relacionadas ao peso, relatos pessoais de pessoas gordas envolvidos na comunidade escolar, podem ajudar os alunos a entenderem os impactos emocionais do bullying e a desenvolver uma maior compreensão das experiências dos colegas com corpos gordos. Também pode ser oferecido o apoio individualizado aos alunos que são alvos de bullying devido ao peso, incluindo conversas particulares e até mesmo o encaminhamento para recursos de apoio, como aconselhamento escolar ou grupos de apoio, e a criação de planos de intervenção para ajudar a combater o bullying e melhorar a autoestima do aluno, visando o combate da violência escolar, uma vez que:

Denomina-se violência escolar todos os atos ou ações de violência, comportamentos agressivos e antissociais, incluindo conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, marginalizações, discriminações, dentre outros praticados por, e entre, a comunidade escolar (alunos, professores, funcionários, familiares e estranhos à escola) no ambiente escolar (Elis Priotto; Lindomar Boneti, 2009, p.2).

Salienta-se que atitudes como humilhar, ofender, ferir, ignorar e excluir, sempre estiveram presentes nas escolas, não importando se de ensino público ou particular, se de ensino fundamental ou médio. As práticas utilizadas pela instituição escolar que prejudicam seus membros, à exemplo de preconceitos, desvalorização (tanto da instituição para com o aluno, como do aluno para si mesmo), intimidação, o ameaçar (abuso do poder) se caracterizam como violência da escola (Priotto; Boneti, 2009).

É crucial que docentes trabalhem ativamente para criar um ambiente escolar inclusivo, onde o respeito mútuo e a diferença sejam valorizados. Isso envolve a promoção da inclusão de todos os alunos em atividades escolares, esportes e projetos de grupo. Os professores de ciências e biologia desempenham um papel vital na promoção da inclusão e na mitigação do bullying relacionado ao peso, com isso, ao criar um ambiente educacional que valoriza a diversidade de corpos e promove a empatia, esses educadores podem contribuir para um clima escolar mais seguro e acolhedor para todos os alunos. Essas abordagens, apoiadas por pesquisas e especialistas, são passos importantes para combater o bullying relacionado ao peso e promover a aceitação de todos os corpos na sociedade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As disciplinas de Ciências e Biologia desempenham um papel fundamental na construção do conhecimento a respeito do ser e o ambiente que o cerca, mostrando-se fundamental na desconstrução do estereótipo do corpo ideal. Diante do conflito experienciado pelos alunos com corpos fora dos padrões estabelecidos pela sociedade, não exclusivamente os corpos gordos, a disciplina se torna um ponto de partida para a elucidação e acolhimento das diversidades corporais. Além disso, o uso de narrativas autobiográficas instiga a reflexão do papel docente em sala de aula, demonstrando que o ato de ensinar não consiste apenas em considerar o conteúdo que está sendo transmitido, deve-se considerar a forma como aquele conteúdo está sendo apreendido pelos alunos.

Atualmente as escolas são responsáveis pela transmissão de muitos estereótipos e preconceitos através do uso de materiais pedagógicos e livros didáticos cuja construção não apresenta um caráter neutro, e sim representando a pressão da idealização corporal. Demonstra

a falta de compromisso escolar com a transmissão de todos os fatores envolvidos na obesidade, carecendo de um discurso que considere os fatores psicológicos e hormonais de forma que haja a desmistificação do sujeito gordo como um ser relapso, incapaz de manter uma alimentação saudável e exercícios físicos.

Assim se faz presente a necessidade de investimento em um ambiente mais acolhedor, que considere os processos envolvidos no desenvolvimento desse aluno fora do padrão corporal. Cabe aos professores de Ciências e Biologia, mas não exclusivamente a eles, desenvolver medidas capazes de acolher a diversidade corporal dos seus alunos, policiando os discursos elaborados em sala de aula de forma que os mesmos não reforcem os estereótipos e preconceitos, além disso devem auxiliar na criação de um ambiente escolar aglutinador das diferenças.

Além disso, as narrativas autobiográficas, mostram-se fundamentais na reflexão dos impactos gerados pelo ensino de Ciência e Biologia tradicional, demonstrando uma necessidade na quebra desse padrão de ensino, de forma que as necessidades e os contextos que envolvem esses alunos passem a ser considerados. Portanto, as narrativas mostram-se de grande importância para a construção do futuro docente, o ato de refletir sobre suas próprias vivências permite ao professor considerar como determinadas situações lhe afetaram positivamente ou negativamente, moldando suas atitudes em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria. Helena Menna Beltrão. (Org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

AMOILS, Shannon. Identical twins express their differences. **Nature Reviews Molecular Cell Biology**, v. 6, n. 8, p.596, 2005.

ARRUDA, Agnes. **Pessoas gordas se anulam já na infância**. 2022. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/pessoas-gordas-se-anulam-ja-na-infancia-diz-pesquisadora-sobre-gordofobia,950296bc171b5018ef6facd9cb44cda1gaokitw8.html>. Acesso em 12 set 2023.

BORBA, Rodrigo Cerqueira Do Nascimento; ANDRADE, Maria Carolina Pires; SELLES, Sandra Escovedo. Ensino de ciências e biologia e o cenário de restauração conservadora no Brasil: inquietações e reflexões. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 144–162, 2019.

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 11-30, jan./jun. 2002.

CARVALHO, Washington Luiz Pacheco; GUIMARÃES, Marcio Andrei. **Ciências para o nosso tempo**: 8º ano. Curitiba: Editora Positivo, 2011.

CANTO, Eduardo Leite. **Ciências naturais**: aprendendo com o cotidiano. 8º ano. 4 ed. São Paulo: Moderna, 2012.

CASTILLO, Constanza Alvarez. **La cerda punk**: Ensayos desde un feminismo gordo, lésbico, antikapitalista & antiespecista. 1. ed. Valparaíso: Trio Editorial, 2014.

CUMPIAN-SILVA, Jéssica. *et al.* Fenótipos corporais na adolescência e a maturação sexual. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, n. 3, p. e00057217, 2018.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Trad. de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto, Luiz Passeggi. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DOURADO, Luiz Fernandes; OLIVEIRA, João Ferreira. A qualidade da educação: perspectivas e desafios. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 29, n. 78, p. 201-215, 2009.

FONDELLO, Marina; SCIVOLETTO, Sandra. **Mudanças emocionais e comportamentais na adolescência**: o que pode ser considerado normal? 2018. Disponível em: <https://portaldaurologia.org.br/publico/sbu-jovem/sbu-jovem-artigos/mudancas-emocionais-e-comportamentais-na-adolescencia-o-que-pode-ser-considerado-normal/>. Acesso em 14 set 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª ed., São Paulo: Atlas, 1999.

HASLAM, David. Obesity: a medical history. *In: Obesity reviews*. Vol. 8. Supl. 1, 2007, p.31-36.

LIMA, Gabriel Chagas. **Uma trajetória na busca da transdisciplinaridade**: narrativa autobiográfica de um licenciando em Ciências Biológicas. 2018. 101 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas), Universidade Federal do Ceará. 2018.

MISKOLCI, Richard. **Diversidade ou diferença?** 2015. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/diversidade-ou-diferenca-2/>. Acesso em 26 out 2023.

MINAYO, Maria Cecília De Souza. (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 31 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOREIRA, Fabíola Correia De Souza Araújo; SHUVARTZ, Marilda. Docência compartilhada: pedagogia diferenciada para a EJA. **Cadernos CIMEAC**, Uberaba, v.6, n.1, p. 38-49, 2016.

NETO, Manoel Moreira Souza; ALMEIDA, Rosemary De Oliveira; PESSOA, Márcio Kleber Morais Pessoa. Ferramenta didática ou guia curricular? Percepção de professores sobre o processo de escolha dos livros didáticos de sociologia em escolas do Ceará. **Política & Sociedade**, v. 14, n. 31, p. 155-179, set./dez. 2015.

PASSEGGI, Maria Da Conceição. *et al.* Entre a vida e a formação: Pesquisa (Auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, v.27, n. 01, p. 369-386, 2011.

PRIOTTO, Elis Palma; BONETI, Lindomar Wessler. VIOLÊNCIA ESCOLAR: na escola, da escola e contra a escola. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 9, n. 26, p. 161-179, 2009.

REPETTO, Giuseppe. Histórico da obesidade. *In*: HALPERN, A. *et al.* **Obesidade**. São Paulo: Lemos, 1998.

ROSA, Paulo Ricardo Da Silva. **Uma introdução à pesquisa qualitativa no ensino de ciências**. Campo Grande: UFMS, p. 1-172, 2013.

SANTOLIN, Cezar Barbosa. **O nascimento da obesidade: um estudo genealógico do discurso patologizante**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Pelotas, UFPel, Pelotas, 2012.

SANTOLIN, Cezar Barbosa; RIGO, Luiz Carlos. A obesidade e a problematização da corpulência na Idade Média. **FIEP BULLETIN** – v. 82 - Edição Especial, 2012.

SANTORIO, Martin Lister. **Ars de statica medicina**. Sem local: Davidem Lopes de Haro, 1614.

SILVA, Milena De Oliveira. **Corpo, cultura e obesidade: desenvolvimento de posicionamentos dinâmicos de si em mulheres submetidas à gastroplastia**. Tese (Doutorado em Processos de desenvolvimento humano e saúde) – Universidade de Brasília, UNB, Brasília, 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 73-102

TRIVELATO, Luzia Frateschi. **Que corpo/ser humano habita nossas escolas?** *In*: MARANDINO, Martha; SELLES, Sandra Escovedo; SERRA, Márcia; AMORIM, Antonio Carlos. Ensino de biologia: conhecimentos e valores em disputa. Niterói: Eduff, 2005. p. 121-130.

VIEGAS, Lilian Mara Dela Cruz; OSÓRIO, Alda Maria Do Nascimento. A transformação da educação escolar e sua influência na sociedade contemporânea. **InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação-UFMS**. Campo Grande, v.13, n. 26, p. 92-115, 2007.

VIGARELLO, Georges. **As metamorfoses do gordo**: história da obesidade. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

YIN, Robert. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.